

AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA EDUCATIVO SOBRE PARASITÓSES INTESTINAIS IMPLEMENTADO EM UMA COMUNIDADE ESCOLAR PELO OLHAR DO PROFESSOR

EVALUATION OF NA EDUCATIONAL PROGRAM ON INTESTINAL PARASITES IMPLEMENTED IN A COMMUNITY SCHOLL TEACHER BY LOOK

GABRIELA RODRIGUES BRAGAGNOLLO¹, PÂMELA CAROLINE GIL DE TOLEDO², JUCELI ANDRADE PAIVA MORERO^{3*}, NEIRE APARECIDA MACHADO SCARPINI⁴, BEATRIZ ROSSETTI FERREIRA⁵

1. Enfermeira. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 2. Enfermeira. Graduada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil; 3. Enfermeira. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 4. Pedagoga, Professor Doutor, contratado Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Centro Colaborador da OPAS/OMS para o desenvolvimento da pesquisa em enfermagem, Ribeirão Preto, SP, Brasil. 5. Docente pelo Departamento Materno Infantil e Saúde Pública, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

*Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo - Av. dos Bandeirantes, 3900, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. CEP: 14040-902. juceli.morero@usp.br

Recebido em 11/10/2016. Aceito para publicação em 11/12/2016

RESUMO

Para promover hábitos e atitudes de vida saudável entre a comunidade é necessário construir conhecimentos por meio de programas de educação em saúde e a escola é um importante espaço para o desenvolvimento destas atividades. Ao se implementar um programa de educação em saúde, é preciso avaliar sua eficácia bem como o processo de como isso é conseguido, a fim de oferecer uma estrutura para futuras atividades de educação em saúde. Dessa forma, investigamos a opinião dos professores que presenciaram e participaram de atividades educativas sobre parasitoses intestinais realizadas numa Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de Ribeirão Preto-SP. Pesquisa qualitativa e descritiva, onde se procurou retratar a perspectiva dos sujeitos de pesquisa. Estes eram cinco professores que participaram das atividades educativas sobre verminoses intestinais com os alunos da 1ª a 4ª série, ocorridas no 1º semestre de 2011. Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro semi-estruturado. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da EERP-USP, Protocolo: nº1347/2011. Os resultados mostram que o programa educativo foi elaborado e implementado de forma adequada e surtiu um efeito positivo sobre a mudança de hábitos de higiene nos alunos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação de programas e projetos de saúde, saúde escolar, educação em saúde, docentes.

ABSTRACT

To promote attitudes and habits of healthy living among the community is necessary to build knowledge through health education programs and school is an important place for the development of these activities. By implementing a health education program, we need to assess their effectiveness and the process of how this is achieved in order to provide a framework for future health education activities. Thus, we investigated the opinion of teachers who witnessed and participated in educational activities on intestinal parasites carried out in Municipal Elementary School in the city of Ribeirão Preto-SP. qualitative and descriptive research, where he sought to portray the perspective of research subjects. These were five teachers who participated in educational activities on intestinal worms with students from 1st to 4th grade, occurred in the 1st half of 2011. For data collection, it designed a semi-structured script. The project was approved by the Research Ethics Committee at EERP-USP, Protocol: nº1347 / 2011. The results show that the educational program was designed and implemented properly and has had a positive effect on the change in hygiene habits in students involved.

KEYWORDS: Evaluation of health programs and projects, school health, health education, teachers.

1. INTRODUÇÃO

As doenças parasitárias são um grave problema de saúde pública, afetando principalmente as crianças, sendo responsáveis pela deficiência no aprendizado e

desenvolvimento físico (CIMERMAN, B.; CIMERMAN, S., 2001). A incidência de parasitoses é resultado de fatores como alta densidade populacional, migrações humanas, condições ambientais favoráveis, deficiência de princípios higiênicos, baixas condições de vida e falta de conhecimento da população (NEVES, 2005).

As parasitoses intestinais transmitida via oral-fecal são as mais freqüentes nas crianças, pois estão associadas aos hábitos de levar a mão à boca constantemente e por permanecerem em contato com outras crianças em ambientes coletivos como creches e escolas². Além disso, a intensa multiplicação de moradias, muitas vezes desprovidas de saneamento básico, as precárias condições ambientais e habitações coletivas, são favoráveis para as infecções por parasitas intestinais (NEVES, 2005).

O controle de enteroparasitoses pode ser efetuado com diagnóstico precoce e tratamento dos indivíduos infectados, no entanto é com práticas educativas que a população mais exposta poderia, realmente, cortar o elo da transmissão. O enfermeiro desempenha um importante papel neste controle através da educação em saúde, atuando na construção do conhecimento para a profilaxia das parasitoses, desenvolvendo e conduzindo ações que visam à melhoria da saúde e da qualidade de vida dos indivíduos (CASTRO; BEYRONDT, 2003).

O ensino de saúde tem sido um desafio para a educação, pois não basta apenas transmitir informações a respeito das doenças, mudanças de comportamento e hábitos de higiene adequados esperando que os alunos desenvolvam atitudes de vida saudável. É preciso educar para a saúde levando em conta todos os aspectos envolvidos na formação de hábitos e atitudes que acontecem no dia-a-dia da escola, bem como levar em consideração os comportamentos favoráveis ou desfavoráveis à saúde que a criança traz consigo oriundos da família e da comunidade em que vive (BRASIL, 1997).

Um trabalho de educação em saúde para controle de pediculose realizado em 2007 em uma escola pública de Ribeirão Preto (PAGOTTI *et al.*, 2011) mostrou que envolvimento dos pais, dos educadores e de toda a comunidade durante as atividades de educação em saúde é essencial para tornar eficiente um programa de educação em saúde para essa parasitose.

Pedrazzani *et al.* (1990) mostrou que trabalhos educativos estimulam a população e mobilizam a comunidade, devendo envolver pais, educadores e alunos na tentativa de solucionar o problema de forma a reduzir as verminoses e promover a saúde de todos. Mas a solução será mais efetiva se os serviços de saúde estiverem inseridos no processo de modificação e educação contínua da população.

Gazzinelli *et al.* (2006), estudando o impacto de dois métodos educativos em escolares, mostraram que abordagens de representações sociais que levem em conta o conhecimento prévio dos alunos, analisando e envol-

vendo suas práticas, atitudes e crenças relacionadas ao local onde vivem e as atividades do dia-a-dia são mais eficientes do que somente a abordagem cognitiva, onde são utilizadas apenas informações sobre transmissão e prevenção, além de uma discussão do que os alunos compreenderam sobre o tema/doença em questão.

A escola é um excelente local para exercer atividades de educação em saúde, pois é durante a infância que ocorre a maior taxa de transmissão de doenças parasitárias e é época decisiva na construção de condutas, tendo a escola um papel fundamental na forma em que os alunos pensam sobre a saúde. Este espaço contribui para a aquisição de hábitos saudáveis, auxiliando no controle de diversas doenças como as parasitoses intestinais (MENEZES, 2013).

Ao se implementar um programa de educação em saúde, é preciso avaliar sua eficácia para manter ou aprimorar as atividades desenvolvidas durante a intervenção. Deve-se avaliar a efetividade do programa bem como o processo de como isso é conseguido. Assim, a avaliação permite rever as práticas que foram aplicadas no programa, prever se uma intervenção foi bem-sucedida, ou não, e oferecer uma estrutura para futuras atividades de educação em saúde (WHITEHEAD, 2003). O importante do processo avaliativo não é apenas buscar possibilidades de se replicar experiências bem-sucedidas ou descartar aquelas malsucedidas, mas procurar se detectar “porque tal projeto é efetivo” ou “porque não é efetivo”, numa determinada localidade (AKERMAN, 2002).

A avaliação da eficácia e do impacto das intervenções de natureza participativa, tal como desenvolvido na promoção da saúde, deve considerar a evolução do processo das atividades, a natureza multidimensional da sua ação, os efeitos a curto e longo prazo sobre a saúde e bem-estar da população e os benefícios para os envolvidos (SALAZAR, L.; VÉLEZ, J.A., 2004).

Num projeto anterior elaboramos e implementamos um programa educativo sobre parasitoses transmitidas via oral-fecal em uma escola pública em Ribeirão Preto – SP, com crianças de 1ª a 4ª série, envolvendo as famílias dos alunos e os educadores. A avaliação do impacto das atividades educativas por meio de entrevistas com os alunos já foi realizada, sendo que a avaliação pelo olhar dos professores não havia sido prevista. Assim, no atual projeto propomos conhecer a opinião dos professores que presenciaram e participaram das atividades, a fim de obter dados mais significativos sobre a efetividade do programa educativo sobre verminoses intestinais, o processo de como foram elaboradas, os efeitos da promoção da saúde no espaço escolar e o papel do professor em participar e dar continuidade a atividades de educação em saúde. Cabe ressaltar, que o professor está em constante contato com os alunos e mantém-se próximo da realidade cultural e social dos envolvidos, sendo o

principal mediador para promover a continuidade de ações de promoção de saúde na escola.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, que envolve a obtenção de dados no contato direto do pesquisador com a situação estudada e procura retratar a perspectiva dos participantes. A pesquisa qualitativa possui cinco características básicas: (1) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; (2) os dados coletados são predominantemente descritivos, ricos em descrições de pessoas, situações e acontecimentos e inclui transcrições de entrevistas e depoimentos; (3) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, (4) o significado e a forma como as pessoas encaram as questões são focos de atenção especial pelo pesquisador e (5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A.,1986).

Por meio do estudo descritivo, busca-se descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Neste contexto, descrever significa identificar, relatar, comparar, entre outros aspectos. A pesquisa descritiva preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, e o pesquisador deve tomar o cuidado de não interferir sobre eles (GILL,1999). O estudo foi realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no município de Ribeirão Preto – SP. Os sujeitos da pesquisa foram cinco educadores que presenciaram e participaram de atividades educativas sobre verminoses intestinais com os alunos da 1ª a 4ª série, as quais já haviam ocorrido (1º semestre de 2011). Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro semi-estruturado aplicado por meio de entrevista individual, gravada com aparelho de áudio para registro e com duração de aproximadamente trinta minutos com cada professor. A ética da pesquisa foi direcionada pela Resolução 196/96 para pesquisa com seres humanos. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da EERP-USP, Protocolo: nº1347/2011.

3. RESULTADOS

A primeira fase do estudo que se deu no período de 6 meses (agosto/2011 a janeiro/2012) e envolveu a realização e a transcrição das entrevistas com os educadores.

Primeiro foi realizada uma conversa com a direção da escola e com os cinco educadores para expor o projeto e seus objetivos, convidando-os a participar através do termo de consentimento livre e esclarecido. Após aceitarem a participação na pesquisa, iniciamos as entrevistas utilizando um roteiro semi-estruturado para direcionar a conversa. As entrevistas foram realizadas individualmente na própria escola e em horário combinado

com antecedência, sem comprometer as atividades. Os sujeitos da pesquisa receberam nomes fictícios para a identificação das falas.

As entrevistas foram transcritas para análise das narrativas e descrição das falas dos sujeitos, identificando as opiniões, sugestões, os benefícios e os impactos das atividades educativas para a população local de forma a contribuir com a melhoria de programas de saúde na escola. Ainda, os entrevistados foram estimulados a falarem sobre a relevância de tais atividades, dificuldades encontradas para implementá-las, se a formação/conhecimento que possuem é suficiente para sua atuação, se os recursos disponibilizados pela escola permitem a realização das atividades de promoção à saúde e por fim, se há possibilidade de dar continuidade ao trabalho iniciado por nós.

A avaliação dos professores se deu em quatro categorias que serão discutidas a seguir, sendo estas: (1) Forma de elaboração do programa educativo, (2) Implementação das atividades educativas, (3) Resultado das atividades educativas e (4) Possibilidade de dar continuidade às atividades de educação em saúde na escola.

Avaliação da forma de elaboração do programa educativo:

Primeiramente cabe ressaltar que a elaboração do programa educativo implementado se deu a partir das sugestões dos professores, que enfatizaram a importância de utilizar estratégias como teatro, vídeos, jogos, maquetes, feiras e multimídia, estimulando a participação ativa dos alunos. Procuramos dessa forma, trabalhar com a metodologia inovadora que, por meio de estratégias adequadas, permite estimular nos alunos a cooperação, o trabalho em grupo, a interatividade e a busca ativa do conhecimento, incorporando novas atitudes e valores (VEIGA, 2001).

Assim, o método e as estratégias escolhidos para a implementação do programa educativo (jogos, teatro com fantoches, cartazes, desenhos e feira de exposição), em nossa percepção, permitiram despertar o interesse e motivar a participação dos alunos. Com a análise das falas das entrevistas com os educadores ficou evidente que, para elas, o método empregado foi adequado:

Questão: Eu gostaria de saber a sua opinião a respeito da elaboração do programa educativo. O que você achou dos métodos e dos instrumentos utilizados?

“Eu gostei muito de todos os métodos que vocês utilizaram, porque eles nunca tiveram contato a respeito desse assunto. Foi um assunto novo e todas as metodologias que vocês utilizaram, de trazer os vermes, foi muito bom pra eles, pra eles poderem conhecer melhor. Os cartazes, o teatro, trouxeram a vivência mesmo pra eles. Então isso

fez com que eles conhecessem melhor sobre o assunto e poder colocar em prática também.” – Jasmim

“Eu achei muito bom, muito interessante, muito bem montado com início, meio e fim, onde todo projeto tem que ter um produto final, achei muito bacana. Deu pra sentir que os alunos entenderam o conteúdo de uma forma prazerosa, que vocês utilizaram diversas estratégias, usaram desenhos, jogos, teatro, e quem me dera conseguir fazer mais aulas desse tipo.” – Girassol

Estes relatos reforçam que o programa educativo elaborado por nosso grupo, pode trazer resultados satisfatórios, pois permitiu o desenvolvimento de conceitos e a compreensão dos conteúdos pelos alunos que participaram das atividades.

Outro relato comentou com relação a termos utilizado mais de um dia para trabalhar com os alunos sobre o assunto (realizamos duas oficinas e uma feira de saúde:

Questão: A gente teve dois dias de oficina e mais a feira de saúde, o que você achou das atividades ocorrer em mais de um dia?

“Eu acho que foi conveniente, porque eles não conseguem captar tudo no mesmo dia. Imagina se a gente for abordar o mesmo tema e de formas diferentes num único dia. Eles não conseguem, pra eles é muito difícil estar elaborando isso mentalmente, estar conseguindo adquirir todos esses conhecimentos num único momento. Tem que ser por etapas mesmo.” – Margarida

Uma das educadoras chamou atenção sobre a possibilidade de integrar as atividades do programa de educação em saúde para parasitoses ao conteúdo programático aplicado pelo professor (grade curricular da escola:

Questão: Você tem alguma sugestão que você queira dar pra uma próxima atividade?

“Poderia ver de conseguir conciliar a parte do projeto do professor com o projeto de vocês, pra poder trabalhar realmente em conjunto. Pra ter algum aumento de atividades relacionadas, pra poder ficar um pouco mais aprofundado. Acho que tentar conciliar com o planejamento do professor, que eu acho que pode até enriquecer. Seria feito no começo do ano, sentar em algum momento, pedir um tempo pra direção, pra revisar, pra fazer um trabalho até maior. Porque, por exemplo, na prefeitura tem sempre agora na semana do professor em outubro eles fazem os encontros pedagógicos, é onde todas as escolas apresentam trabalhos, projetos diferentes que tiveram êxito, eles colocam esse nome. Então,

pode ser um incentivo até pra eles verem como a área da saúde é importante dentro do ambiente escolar, fazer essa divulgação positiva.” – Lírio

Essa fala também aponta a carência da abordagem de temas relacionados à saúde dentro das escolas, um desuso inapropriado em vista dos problemas mais comuns de nossa população. Como já citado anteriormente, a escola é um excelente local para o desenvolvimento de atividades de educação em saúde, pois consegue abranger uma população variável de crianças, adultos e idosos. Por ser um meio comunitário, as abordagens sobre saúde podem influenciar o meio em que vivem, contribuindo com a diminuição dos problemas sociais.

Avaliação da implementação das atividades educativas:

Embora não tenha sido realizado um levantamento de dados sobre a frequência de parasitoses intestinais nas crianças da escola, o tema abordado foi considerado adequado e necessário para a população:

Questão: O que você achou do tema abordado?

“Eu acho que é super importante aqui. Faz dez anos que eu estou aqui nessa escola, sempre tive bastantes casos de crianças com verme, criança com dor na barriga, por falta de informação, falta de higiene. Então achei um tema bem propício.” – Rosa

“Eu gostei de trabalhar sobre verminoses, sobre os aspectos de higiene com eles, principalmente pela demanda da comunidade, que não tem alguns hábitos ainda construídos entre eles.” – Lírio

Das atividades implementadas na escola, foram avaliadas pelas professoras como mais atrativas e interessantes para os alunos, as atividades lúdicas, na qual houve grande participação dos alunos:

Questão: Quais pontos das atividades você achou mais interessante?

“Então, os pontos mais positivos foram os jogos que eles amam né. E também o contato que eles tiveram, porque, por exemplo, nós trabalhamos ciências, nós até falamos sobre os vermes, o que são vermes, só que aqui na escola nós não temos o acesso pra mostrar, então fica uma coisa meio abstrata trabalhar o que é verme. Tem as figuras no livro, mas não é a mesma coisa como vocês que trouxeram tudo. Eles tiveram contato, então isso foi muito interessante pra eles. Eles gostaram muito. E a forma também de abordar o tema, vocês tem um outro jeito.” – Jasmim

“Eu gostei do teatro, eles participaram em grupo, todos levantavam, todos falavam, conheciam as mímicas, a participação deles foi bem legal. Acho que poderia continuar, dentro deste tema, quem sabe um outro tema, eu gostei e eles gostaram também, eles ficaram contando os dias pra vocês virem.” – Rosa

Com relação à feira de saúde, uma das educadoras mencionou sobre a organização da atividade, que deveria ser mais bem planejada para que tivéssemos maior sucesso:

Questão: Na feira de saúde nós tentamos envolver os pais e todos os alunos, você acha que isso foi importante?

“Eu achei, só que eu achei que foi falho no sentido da comunicação. Eu particularmente não fiquei sabendo que eu poderia tá levando eles lá, pra poder tá visitando. Então, ou eu não prestei muita atenção neste sentido, não me atentei muito a isso, mas eu acabei não indo com eles em grupo. Então não foi uma coisa feita assim planejada, no grupo, num momento único com eles e eu conduzindo. Eu achei que ia ter um cronograma de visitação, pra não ir todo mundo junto ao mesmo tempo. E aí, eu acabei achando que ia ser chamada e num fui com a turma, então acabei perdendo.”- Rosa

Ainda, os relatos demonstram que houve pouca participação dos familiares e que novas estratégias devem ser incluídas para maior envolvimento da comunidade:

Questão: O que você achou da Feira de Saúde e da participação dos familiares na atividade proposta?

“A proposta foi boa, o problema é que aqui a comunidade não tem mesmo o foco de participar. Então eles não participam mesmo, é muito complicado trazê-los na escola em qualquer proposta que seja. A não ser que envolva alguma coisa social, é a única coisa que faz com que eles venham à escola. Talvez se fosse ao final de semana, mas durante a semana eles alegam que os pais trabalham. Ontem mesmo, nós tivemos reunião de pais, compareceram na minha sala nove pais, que é uma coisa importante.” – Jasmim

“Aqui a comunidade é um pouco difícil mesmo em sentido de participação. Até a diretora coloca que às vezes algumas reuniões ou conversas que a gente precisa ter com os pais, eles reclamam quando é alguma coisa na segunda-feira. Muitas são mães e às vezes fazem faxina no início da semana, então é o dia que elas mais têm serviço, então isso é mais complicado aqui na comuni-

dade. Já é uma comunidade difícil em relação à participação e o dia não é muito propício porque eles mesmos já colocam que é um dia difícil.” – Margarida

No projeto anterior já havíamos percebido que houve tal dificuldade, visto que apenas dez familiares compareceram ao dia combinado. Os relatos dos educadores evidenciaram nossa percepção, de que a pouca participação dos familiares ocorreu pelo fato de a maioria trabalhar, enquanto que outros demonstram pouco interesse nas atividades escolares. Isso dificulta que as práticas de higiene necessárias para a prevenção das verminoses e outras doenças sejam realmente efetivadas, visto que os pais são os responsáveis pela educação dos filhos em casa e são eles que preparam os alimentos que serão consumidos por toda a família.

Outro fator que pode ter sido um empecilho para a participação dos familiares foi o fato de a feira ter sido realizada em uma segunda-feira, dia sugerido pela direção da escola. O convite foi entregue para os alunos na sexta-feira, o que pode ter comprometido a participação dos familiares pelo tempo entre a entrega do convite e o dia da feira de saúde. Diante desta dificuldade, as educadoras ofereceram propostas e sugestões de outras estratégias que poderiam ser utilizadas para estimular e aumentar a participação dos familiares:

Questão: Como você acha que deve ser a divulgação? Nós fizemos um convite bem elaborado, pra chamar a atenção. Você acha que deve continuar o convite?

“Acho que sim. Primeiro manda o convite e depois manda um lembrete, em dias diferentes. Tem que ser bem assim, porque eles não têm o hábito de agenda, aí passa o final de semana e eles acabam esquecendo, tem criança que passa o final de semana e esquece de entregar o convite.” – Girassol

Questão: Você acha que poderia usar outra estratégia para convidar os pais, para que seja mais efetivo?

“Isto conta muito com o apoio da escola, com a divulgação da parte gestora pra fazer com que venham. Então não sei se é ideal ver algumas datas comemorativas que a escola tem e que já tem uma obrigatoriedade de a comunidade estar na escola. São três reuniões de pais que tem na escola porque são três trimestres. Então poderia fazer a feira num dia de reunião, pra apresentar, ficar alguma coisa exposta. Pode fazer uma feira direcionada para os alunos da escola, aí num outro dia que os pais terão que ir à escola, fica disponível pra eles poderem conhecer. Principalmente se tiver, igual teve, a produção dos filhos deles, alguma coisa que eles produziram,

chama mais a atenção.” – Lírio

“Talvez na entrada do período ficaria mais própicio pra eles estarem vindo, ou no fim, no caso se fosse a tarde no final do período. Sábado, exceto festa junina, que eles são participativos. Não sei, essa comunidade gosta de ganhar alguma coisa pra poder participar.” – Rosa

Assim, organizar melhor a atividade, realizar em um dia da semana diferente da qual realizamos (segunda-feira) e inserir no planejamento do professor talvez facilite a adesão dos pais nas atividades propostas. Poderia, talvez, aproveitar a data das oportunidades que a escola disponibiliza para conversar com os pais sobre temas relacionados à saúde (reuniões). Mesmo assim, pela fala das professoras seria interessante oferecer algum lanche ou incluir outras estratégias para estimular a participação ativa dos pais.

Avaliação dos resultados das atividades educativas:

Sobre os resultados das atividades educativas, os relatos das educadoras entrevistadas demonstraram que houve um impacto positivo nas crianças, observados pelos relatos e comportamento dos alunos no dia a dia da escola:

Questão: Você percebeu se houve alguma mudança no conhecimento dos alunos, no comportamento deles aqui na escola após as atividades?

“Eu acho que sim. Todos lavam as mãos antes da refeição, antes do recreio. Era uma coisa que não existia, praticamente não existia. Eles mesmos se cobram. Quando eles vão ao banheiro também, eu sempre pergunto, eles falam que lavaram. Existe o sabonete líquido que era uma coisa que aqui na escola não tinha, eles fazem uso disso também.” – Jasmim

“Teve sim. Eu tenho uma que tem o hábito até hoje de chupar o dedo, a gente tenta, tenta, tenta, tenta e é difícil. Aí um ou outro sempre corrige: ‘Ah vai pegar bichinho, vai pegar verme’. Então eles sempre lembram. Eu coloco disponível sabão e álcool na minha sala pra usar a vontade. Então agora todo momento eles lembram. Toda vez que eles saem agora eu nem preciso mais lembrá-los.” – Lírio

“Sim, teve. Eu percebi eles cobrando um ao outro, inclusive eles passaram a me lembrar de usar o álcool gel antes de sair, porque a gente na correria às vezes esquece de por na mãozinha deles. E eu achei assim, que principalmente logo que acabou eles ficaram bem encantados.” – Rosa

Baseado nas falas das educadoras ficou patente que a escola influenciou o desenvolvimento de hábitos e comportamentos adequados nas crianças, porém, para fixar esse hábito é preciso envolver toda a comunidade para que o meio familiar também influencie positivamente o comportamento das crianças.

Sobre o impacto das atividades nos educadores, os relatos demonstram que foi importante participarem das atividades e que tiveram grande aprendizado tanto no conhecimento sobre saúde como no preparo de atividades:

Questão: E para você? Você acha que alterou alguma coisa em seu conhecimento, contribuiu em alguma coisa para você?

“Muitas coisas, foi uma aula pra eles e pra mim também. Até pelo verme mesmo, eu nunca tinha visto, foi bem interessante. Por exemplo, que o verme andava pelo corpo, é uma coisa que eu também não sabia, foi uma aula pra mim também. Achei super interessante.” – Jasmim

“Pra mim ajudou, tinham coisas que eu não sabia sobre vermes. Às vezes a gente até lê pra poder ensinar, mas acaba esquecendo, tem que relembrar.” – Rosa

“Contribuiu, dá um despertar na gente que a gente tem que realmente preparar atividades pra dar conteúdos diferentes, estratégias diferentes, como jogos que vocês fizeram, o teatro. Então assim, que bom se eu conseguisse montar algumas aulas dessa maneira.” – Girassol

As atividades de educação em saúde na escola trazem benefícios e constroem conhecimentos não somente para as crianças, mas também para as educadoras. Isto nos faz pensar na necessidade de auxiliar os professores e a escola a implementar atividades de educação em saúde utilizando novas metodologias e estratégias, bem como mantê-los informados e atualizados sobre conteúdos de saúde.

Possibilidade de dar continuidade às atividades de educação em saúde na escola:

Apesar das normas existentes, o professor muitas vezes encontra dificuldades em colocar em prática o que está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e implementar programas de saúde na escola (BRASIL, 1997). Entre as dificuldades relatadas pelos educadores encontramos a falta de recursos materiais, falta de apoio da direção e coordenação da escola e falta de tempo para o planejamento de atividades:

Questão: Quais são algumas dificuldades que vocês, professores, têm para fazer essas atividades? Há recursos disponíveis na escola?

“A gente tem mil e um projetos, temos muitos projetos, somos muito cobradas. Então se você for ver ao longo do ano são tantos projetos que acaba não tendo tempo pra você focar muito tempo num projeto só.” – Jasmim

As educadoras, muito atarefadas com o cronograma curricular anual, deixam de se empenhar em atividades extras, pois possuem pouco tempo para planejarem atividades inovadoras. Estas exigem tempo e disposição para criar, testar novas metodologias e produzir materiais. Além disso, o assunto de saúde nem sempre é abordado na escola, o que pode deixar alguns professores desatualizados e despreparados.

“Nós temos o conhecimento, eu até tenho os livros. Nós temos o material que ajuda, que dá um certo apoio, só que nós não temos os recursos igual vocês tem. Então, por exemplo, se fosse pra trabalhar com vermes, nos trabalharíamos, mas não da forma como vocês trabalharam. Talvez nós não teríamos a mesma ideia que vocês tiveram de trabalhar com os jogos. E mesmo na prática, por exemplo, trazer um verme, nós nunca teríamos esta possibilidade. É a mesma coisa com outros assuntos.” – Jasmim

“Eu acho que falta um laboratório principalmente, e um espaço pra gente estar fazendo experiências mais práticas.” – Margarida

“O material tem que ser um pouco garimpado. A gente não tem conhecimento das coisas que tem lá no almoxarifado porque a gente não tem acesso. É uma funcionária que pega os materiais quando solicitamos. Então muitas vezes a gente desconhece tudo o que tem pra você poder utilizar de recurso. E muitas vezes quando você pede, você só fica no pedido, porque até a hora de chegar não chega, ou não vem, ou a pessoa não tem tempo pra procurar, pra achar, pra disponibilizar pra você. E algumas vezes ou você faz porque você quer muito e você tira do próprio bolso e você consegue os recursos você mesma, ou se não é uma luta muito grande, é difícil nessa parte dos recursos.” – Lírio

Estes relatos mostram a importância de ter à disposição dos educadores recursos materiais e apoio da direção e de outras instituições que possam contribuir para o ensino de saúde na escola.

Sobre o apoio das instituições de saúde, os relatos demonstram que isso não ocorre:

Questão: Com relação à unidade de saúde que é aqui ao lado da escola, vocês tem algum projeto envolvido, já teve alguma coisa em conjunto?

“Já faz quatro anos que eu trabalho aqui e há pouco tempo que eu fui descobrir que ali é um posto de saúde. Alguma criança caía, machucava, o inspetor levava pro postinho e eu não sabia onde. Outro dia que eu fui descobrir que é ali ao lado. Não sabia, não existe nenhum projeto, nenhuma parceria, nada. Poderia né?” – Jasmim

“O pessoal da equipe de saúde quando vai até a escola, pelo menos no Ensino Fundamental I, a única vez que eles foram, este é meu segundo ano, foi na parte da higiene bucal, que levaram pra eles escovarem os dentes. Mas era assim, entregaram a escova de dente, a pasta e acabou, não durou nem uma aula, não teve explicação, não levaram material pra eles verem e manusear. Depois disso, nunca mais. Ai a única vez que eles passam é na época do aleitamento materno, que é onde eles solicitam um vasilhame de vidro com tampa de plástico, mais nada. Então acho assim, que falta uma abordagem maior da área da saúde dentro da comunidade, na parte de higienização do corpo, das mãos, prevenção de doenças.” – Lírio

As atividades de saúde realizadas na escola deveriam ter o apoio dos serviços de saúde para que sejam implementadas de forma integrada na comunidade, como é sugerido pelos PCNs. Outra possibilidade é o trabalho em conjunto com às Universidades, visto que estas instituições podem oferecer recursos tanto para promover atividades educativas na comunidade, como para oferecer o preparo para que os próprios educadores desenvolvam essas atividades. Assim, seria interessante incentivar às Universidades a realizarem trabalhos de extensão na escola, oferecendo a possibilidade de integração com a comunidade.

Com relação ao apoio da direção e coordenação da escola, houve divergência nos relatos dos professores:

Questão: Vocês têm o apoio da direção e da coordenação da escola para realizar essas atividades?

“Acaba ficando ao nosso critério. É uma dificuldade.” – Jasmim

“Geralmente a escola costuma nos apoiar nos projetos, então eu acho que não haveria problema com relação à escola, porque se a gente explicasse para a diretora o nosso propósito, o que a gente quer atingir, o que a gente quer alcançar, ela costuma apoiar.” – Rosa

Diante das dificuldades apontadas pelas professoras é necessário que a escola se organize e mantenha um bom elo entre direção, coordenação e professores, para

que possa ocorrer realmente um trabalho em equipe, sem entraves, para obtenção de um bom resultado.

Os relatos dos educadores sugerem que para obter maior sucesso na promoção da saúde é necessário que outros grupos venham desenvolver as atividades na escola:

Questão: Você acha que poderia continuar a fazer um trabalho educativo com os alunos ou você acha que alguém teria que vir ajudar ou então fazer esse trabalho?

“Chama muito mais a atenção outras pessoas virem, trazerem na prática esses assuntos, chama muito mais a atenção, é uma coisa bem diferente. Não fica só na teoria, tem a prática que ajuda juntamente com a teoria. Porque só na teoria é complicado. Você vê, nós não temos um laboratório na escola, que é uma coisa que outras escolas têm, ajudaria muito.” – Jasmim

“Eu acho que é sempre assim. Quando vem alguém de fora, é sempre novidade. Então eles gostam bastante. Acho que a resposta é positiva. Então eu acho que vale a pena sim vir outros grupos.” – Lírio

“Quando vem uma pessoa de fora parece que muda a cara do projeto, porque eles vêem que realmente é uma coisa nova. O professor está todo dia ali com ele, a gente está todo dia abordando assuntos novos ou toda semana, depende do projeto, mas quando vem alguém de fora, muda a cara, é uma coisa diferente mesmo. Então eu acho interessante se vier de fora.” – Girassol

“Acho que não tem nada mais interessante do que uma pessoa estar vindo de fora, um grupo pra fazer coisas diferentes do que eu possa fazer, porque tudo o que eu explico, passo pra eles e cobro um resultado, seja uma avaliação, um teatro, seja por escrito, é diferente de uma pessoa de fora, eu acho que eles fazem com mais prazer. Porque comigo eles fazem naquele sentido sabendo que eu estou cobrando, que eu quero ver se eles aprenderam. Já sendo um projeto com pessoas diferentes, eu acho que é mais atrativo pra eles.” – Rosa

Possivelmente, o envolvimento de outro grupo (de fora da escola) seja mesmo interessante por terem mais facilidade para obter recursos materiais, trazer técnicas inovadoras, tempo para planejamento e dependerem apenas da autorização da direção e coordenação da escola, o que lhes dá mais autonomia. Dessa forma, o ensino torna-se mais atrativo para os alunos, que vêem as atividades propostas como uma atividade lúdica e prazerosa, sem cobranças para receber uma nota por meio de avaliação. Além disso, esse movimento favorece a

intersetorialização, pois integraria a universidade, os serviços de saúde e a escola.

Sobre o papel do professor em contribuir com as atividades de saúde realizadas na escola, os relatos demonstram que reconhecem sua função:

Questão: Como que você pode contribuir com as orientações de saúde para os alunos?

“Sempre revendo, sempre cobrando, sempre lembrando e relembando. ‘Olha, vocês lembram como que tem que ser feito?’; ‘Vocês estão fazendo?’; ‘Lembra como foi?’” – Jasmim

“Toda vez que você aplicava alguma coisa, fazia teatro com eles, explicava, mostrava os vermes, sempre depois que você saía, eu continuava falando, às vezes eu pedia algum registro escrito. Então eu acho que nosso papel é incentivar, não deixar o assunto morrer ali na hora que você sai da sala ou do espaço que está sendo dado. A gente tem que continuar também, ver o tema que você vai falar; poder pesquisar também, ter atividades na sala de computação pra eles estarem vendo. Eu pedi uma lista um dia depois, pedi registro, sempre a gente continuava falando.” – Rosa

As atividades na escola precisam ter a participação dos professores, pois são eles que passam a maior parte do tempo com os alunos e conhecem as dificuldades, as habilidades de cada um e o perfil da comunidade em que vivem. Assim, o papel do professor é auxiliar no planejamento das atividades e dar continuidade nas atividades de educação em saúde realizadas na escola, a fim de reforçar o conhecimento adquirido.

Os relatos dos educadores mostram a importância das ações de saúde para a comunidade, tanto sobre verminoses como sobre outros temas:

Questão: Como professora e estando todos os dias aqui com os alunos, o que você considera importante para que o que aprenderam seja realmente efetivado?

“Nessa comunidade, eu acho que este trabalho tem que ser constante. Se você interrompe, para, embora a gente continue falando sempre sobre as questões de higiene, o meio que eles vivem e os hábitos são bastante fortes.” – Rosa

“Eu ainda continuo afirmando que eu acho que poderia ser uma coisa contínua na escola, mesmo pela nossa clientela, que é bem carente e muitos hábitos eles não costumam manter. Na própria vivência em casa às vezes eles esquecem. Por exemplo, volta do recreio eles esquecem de lavar as mãos. Antes das refeições eles lavam mesmo,

mas aí você sempre tem que estar cobrando.” – Jasmim

“Eu achei que poderia ter estendido mais o assunto. Porque o meio aqui que eles vivem, eles necessitam muito disso. Então foi o que nós comentamos entre nós professores, enquanto vocês estavam aqui realizando o projeto eles se lembravam de cobrar uns aos outros sobre o assunto. Mas isso foi só durante o projeto, depois eles esquecem. Então deveria ser um projeto constante sobre vermes e sobre higiene.” – Jasmim

A maioria dos educadores reconhece a importância da continuidade das ações de saúde na escola, tanto sobre verminoses como sobre outros temas relacionados à higiene e prevenção de doenças. Sobre a importância do tema saúde na escola, um dos relatos mostra a necessidade de trabalhar este assunto com a comunidade:

Questão: Você acha que é importante essas atividades na escola?

“Eu acho que é essencial. Porque só assim é que eles vão criar uma mentalidade e tomar uma consciência sobre a questão da prevenção, principalmente...”

“...Tem algumas coisas no nosso programa, no nosso planejamento que já é contemplado, que a gente trabalha com os alunos. A questão da água de não desperdiçar e mesmo os tipos de doenças que são contaminadas através da água. Mas eu acho que tem muitas outras coisas sim que a gente pode estar abordando, porque eu acho que a gente tem que estar cada vez mais fortalecendo essa conscientização. E eu acho que é na escola, com os alunos, que a gente vai ter uma sociedade mais consciente.” – Margarida

Ao abordar o tema saúde na escola, é importante que os professores observem os comportamentos e as falas dos alunos, pois muitas vezes trazem consigo dúvidas e assuntos que ouviram em casa ou com o colega, e refletem as necessidades da comunidade. Desta forma é possível construir conhecimentos e desenvolver atitudes saudáveis entre a comunidade por abordar temas condizentes com a realidade em que vivem. Este conceito é relatado por um dos educadores:

Questão: Quais outros temas de saúde você acha adequado aqui na escola?

“Muitas vezes, do que eu vejo com a minha sala, a parte de educação para a saúde são coisas que emergem do dia a dia e que você trabalha. Então são temas que surgem numa conversa paralela, alguém fala alguma coisa, ou eu observo no refeitório quando eu levo pra lanchar ou almoçar.

E você reforça os hábitos saudáveis na parte da alimentação, do experimentar, ou na própria sala de aula ou quando eles contam. Mas também não é de uma maneira planejada como eu gostaria que fosse, então não tem. Fica um pouco falho nisso, porque conforme emerge, acontece, você trabalha.” – Lírio

Além do pensamento crítico e do empenho do professor em educar para a saúde, ele precisa estar preparado para abordar tais temas, o que nem sempre acontece e é observado por outros professores, como mostra o relato de um deles:

Questão: Você se sente preparada para tratar de outros temas relacionados à saúde?

“Sim, eu me sinto tranqüila. Até por estar relacionada na enfermagem no doutorado a gente tem bastante fonte, eu participo também do Licuca, então auxilia. Mas às vezes eu vejo que outras professoras faltam o conhecimento ou entender que existe a educação para a saúde. E muitas vezes quando é contemplada a parte de saúde são nos livros de ciências. E eles não focam muito aspectos de educação para a saúde.” – Lírio

Isso mostra a necessidade de estabelecer ações para a formação continuada dos professores, pois é possível lhes oferecer maior segurança e conhecimento para auxiliar e desenvolver programas de saúde.

Outro relato mostra que os profissionais da saúde são importantes para auxiliar no desenvolvimento das atividades educativas, porém é preciso cautela para que os professores não atribuam esta responsabilidade inteiramente aos profissionais da saúde:

Questão: Você se sente preparada para tratar de outros temas relacionados à saúde?

“Não estou tendo dificuldade não. Mas eu acho que sempre tem coisas que de repente pode estar sendo acrescentados, que a gente de repente não pensou daquela forma. E com profissionais que são da área como vocês, eu acho que auxilia bastante.” – Margarida

Diante dos resultados obtidos conseguimos informações que puderam nos auxiliar na avaliação das atividades educativas realizadas na escola. Ainda, pudemos obter dados sobre a possibilidade de continuidade das atividades de educação em saúde, focando o papel ativo do professor.

Possivelmente, para dar continuidade às atividades de um programa de educação em saúde numa escola, o seu planejamento deva ser realizado junto com os pro-

fessores, a fim de incluir os conteúdos na grade curricular integrando saúde e educação. Atividades que envolvam toda a comunidade devem ser cuidadosamente planejadas em conjunto, procurando divulgar e organizá-las de forma a oferecer uma estrutura adequada para abordar os temas de saúde com toda a população, garantindo a participação de todos. Observamos ainda, que é necessário o investimento na formação continuada dos professores para estimular o desenvolvimento de atividades de saúde na escola. Outro ponto relevante é integrar a universidade e os serviços de saúde para fornecer mais recursos às atividades desenvolvidas, compartilhando conhecimentos e habilidades entre os envolvidos. Por fim, o trabalho de saúde realizado nas escolas deve ser constante, visando resultados a longo prazo. A continuidade das ações educativas precisa ser realizada por todos os profissionais, principalmente pelos professores que estão em uma relação constante com os alunos e familiares. Dessa forma, educar para a saúde requer conhecimento, inserção na comunidade e integração entre diferentes profissionais, estabelecendo ações para o benefício social.

4. CONCLUSÃO

Em conjunto, a avaliação pelos educadores das atividades educativas realizadas na escola, mostrou que o programa educativo foi elaborado e implementado de forma adequada e surtiu um efeito positivo sobre a mudança de hábito com relação à higiene pelos alunos envolvidos. Somente a atividade que envolveu a comunidade (familiares dos alunos), a feira de saúde, não foi muito apreciada. Isso se deu devido à forma como foi planejada, sugerindo que outras estratégias/metodologias poderiam ser empregadas.

REFERÊNCIAS

- Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v.101, n.1, p.45-53, oct. 2006.
- [06] GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ªed. São Paulo: Atlas;1999.
- [07] LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU;1986.
- [08] MENEZES, R.A.O. Caracterização epidemiológica das enteroparasitoses evidenciadas população atendida na Unidade Básica de Saúde Congós no município de Macapá-Amapá. Dissertação (mestrado) Fundação Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde; 2013.
- [09] NEVES, D.P. Parasitologia Humana. 11ª ed. São Paulo, Atheneu; 2005.
- [10] PAGOTTI, R.E.; SANTOS, V.P.; FLÓRIA-SANTOS, M.; PEREIRA-DA-SILVA, G.; FERREIRA, B.R. Elaboração e implementação de um programa de educação em saúde para controle da pediculose numa escola pública. Submetido à revista: Online Brazilian Journal of Nursing; 2011.
- [11] PEDRAZZANI, E.S.; MELLO, D.A.; PIZZIGATTI, C.P.; BARBOSA, C.A.A. Aspectos educacionais da intervenção em helmintoses intestinais, no subdistrito de Santa Eudóxia, Município de São Carlos – SP. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.74-85. jan./mar. 1990
- [12] SALAZAR, L.; VÉLEZ, J.A. Hacia la búsqueda de efectividad en promoción de la salud en América Latina. Ciênc. saúde coletiva v.9, n.3, p. 725-730; 2004.
- [13] VEIGA, I.P.A. As Dimensões do Projeto Político Pedagógico; Campinas, SP: Papyrus.; 2001.
- [14] WHITEHEAD, D. Evaluating health promotion: a model for nursing practice. Journal of Advanced Nursing, Devon, v.41, n.5, p.490–498; 2003.
- [01] AKERMAN, M., MENDES, R.; BÓGUS, C.M.; WESTPHAL, M.F.; BICHIR, A.; PEDROSO, M. L. Avaliação em promoção da saúde: foco no “município saudável”. Rev Saúde Pública v.36, n.5, p.638-46; 2002.
- [02] BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF; 1997.
- [03] CASTRO, C.G.; BEYRONDT, C.G. Ações de enfermagem na prevenção de parasitoses intestinais em creches. UNISA, 2003; p. 4:76-80.
- [04] CIMERMAN, B.;CIMERMAN, S. Parasitologia Humana e seus fundamentos gerais. 2ªed. São Paulo, Atheneu; 2001.
- [05] GAZZINELLI, M.F.; REIS, D.C.; KLOOS, H.; VELÁSQUEZ-MELENDÉZ, G.; DUTRA, I.R.; GAZZINELLI, A. The impact of two education methods on knowledge of schistosomiasis transmission and prevention among schoolchildren in a rural community in northern Minas Gerais, Brazil. Memórias do Instituto